



A Antiguidade ainda é um posto?

Os momentos de vitória nos Paraolímpicos de Pequim¹

Tatiane Hilgemberg FIGUEIREDO²

Rui NOVAIS³

Universidade do Porto, Porto - Portugal

Resumo

A finalidade desse estudo é comparar os principais momentos de glória dos Jogos Paraolímpicos de Pequim 2008, pela imprensa Brasileira e Portuguesa: a conquista das medalhas de ouro pelo atleta brasileiro Daniel Dias; e pelo português João Paulo Fernandes. Este artigo tem como objetivo validar a hipótese de que a imprensa brasileira dará maior ênfase ao triunfo do atleta paraolímpico em comparação com a imprensa portuguesa. Da mesma forma tentamos comprovar que o evento desportivo analisado é retratado de forma diametralmente diferente pela mídia dos dois países em questão, conferindo às conquistas dos atletas paraolímpicos apenas uma ínfima cobertura mediática, com o reforço e propagação de estereótipos.

Palavras-chave

Paraolimpíadas; estereótipos; Portugal; Brasil.

Introdução

De acordo com estudos realizados nos anos 90, a qualidade e a quantidade da cobertura midiática, das pessoas com deficiência encontrava-se abaixo dos padrões, e, geralmente, tais indivíduos eram representados de forma estereotipada e irreal. Os Jogos Paraolímpicos tencionam ser um evento paralelo aos Jogos Olímpicos, sendo assim considerados o segundo maior evento esportivo do mundo (em número de atletas e países participantes), contudo, não raro, as Paraolimpíadas são vistas apenas como um espetáculo complementar das Olimpíadas. (Kell, Kell e Price, 2008). De acordo com a coordenadora de comunicação do Comitê Paraolímpico Brasileiro, Gisliene Hesse, a divulgação do esporte paraolímpico ainda não pode ser comparada com o olímpico, pois este se sobressai pela tradição e maior desenvolvimento (Brasil Paraolímpico, ano VII, nº 06).

¹ Trabalho apresentado ao GP de Comunicação e Esporte, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Ciências da Comunicação, na Universidade do Porto, Portugal- email: tatianehilgemberg@gmail.com

³ Prof. Associado Convidado da Secção autónoma de Ciências da Comunicação da Universidade do Porto, Portugal – email: ran@icicom.up.pt



Este estudo, portanto, tem por finalidade comparar a cobertura Web jornalística de um atleta paraolímpico de destaque nos Jogos de Pequim/08 no Brasil e em Portugal, e atestar se a maior tradição do paraolimpismo brasileiro se traduz numa maior intensidade da cobertura mediática e um tratamento jornalístico mais adequado aos atletas com deficiência. A análise em ambos os países permitirá não só obter mais informações sobre a representação deste evento em Portugal e no Brasil, mas mediante essa análise comparativa de dois países histórico-culturalmente próximos, detectar eventuais diferenças na forma como o jornalista constrói a realidade Paraolímpica.

Media e paratletas: a perpetuação de estigmas

Ao se analisar a atuação da mídia no sistema de representações e discursos referentes ao deficiente, estes se encontram permeados por subjetividades e, por vezes, reforçando preconceitos e estereótipos. Desde logo, existem alguns mitos sobre as pessoas com deficiência, que os estigmatizam como pessoas sempre tristes, marcadas pela tragédia e, por conseguinte, responsáveis diretas pela tristeza em todos que com elas convivem ou as conhecem. (MARQUES, 2001b).

Carvalho (1994, p.6 apud MARQUES, 2001a, p.53) comenta que os estereótipos são aplicados aos deficientes, pois eles são socialmente vistos como incapazes e improdutivos, e, biologicamente, considerados “anormais”. Carlos Alberto Marques (2001b) reforça esta ideia ao afirmar que a forma como a mídia vem tratando a questão da deficiência reforça a ideia de anormalidade e de afastamento do padrão estabelecido como bom e desejável.

Na actual sociedade altamente mediática, a imagem ganha lugar de destaque, e no desporto o culto ao corpo e à imagem física “perfeita” ainda têm espaço. “[...] nessas questões do corpo ‘perfeito’ mediatizado, as pessoas com algum tipo de deficiência encontram-se à margem daquilo que é aceite socialmente”. (CALVO, 2001, p.22).

Castro e Garcia (1998, p.207 apud CALVO, 2001, p.91) referem que

[...] o herói de Desporto para Deficientes não é uma ‘figura desportivamente simpática’ para muitos dos que se julgam ‘normais’. De facto, a nossa bagagem cultural confere ao desporto o espírito do culto ao corpo ‘perfeito’, corpo este que nos dias de hoje, para além de ter de demonstrar eficácia, tem igualmente de ser sedutor.

No mesmo sentido, Goffman (1980) assevera que alguém com um estigma não seja completamente humano.



Por outro lado, tal como Marques (2001a, p.99) relembra, para a sociedade o bom desempenho de deficientes se dá como uma compensação da deficiência. Ou seja, as pessoas não portadoras de deficiência, quando bem sucedidas em seus empreendimentos, alcançariam o sucesso pelo talento ou pela inteligência; enquanto que os portadores de deficiência o teriam feito pela necessidade de compensar o ‘mal’ que os aflige.

Calvo (2001) introduz uma outra dicotomia relevante para a presente discussão ao afirmar que além de exíguas, as representações midiáticas das pessoas com deficiência, transmitem, frequentemente, a imagem do incapacitado que não consegue solucionar seus problemas, ou do “super-herói”, com algumas capacidades mais desenvolvidas em detrimento de outras, acabando por reforçar estereótipos, estigmas e posturas preconceituosas. Um exemplo paradigmático da nova roupagem assumida pelos estereótipos relativos às pessoas com deficiência pode ser encontrado no, à primeira vista inofensivo, desenho animado “Dumbo” de Walt Disney, conforme enunciada por Satow (1985). O personagem principal do desenho é o elefante Dumbo que nasce com uma deformidade física – suas orelhas são grandes demais. Dumbo, é, então, alvo de humilhações e vítima de agressões físicas e morais. Contudo, ao participar de uma atração no circo o pequeno elefante alça um longo vôo, deixando todos maravilhados. Logo depois do fenômeno, Dumbo se transforma em herói, astro de cinema e investimento de grande porte. “Moral da história: só sendo herói, o diferente/deficiente tem o direito de ser feliz”. (AMARAL, 1994, p.64). Fenômeno similar ocorre com os atletas portadores de deficiência. Quando apenas a deficiência está em evidência o indivíduo é visto como coitadinho, mas ao se transformar em atleta de alto nível, recordista mundial, medalhista paraolímpico, o portador de deficiência é o herói, que superou suas próprias dificuldades.

Diversos estudos indicaram que a qualidade e a quantidade da cobertura midiática sobre as pessoas com deficiência são de baixo padrão, e a mídia geralmente retrata essas pessoas de forma irreal e estereotipadamente. Schell and Duncan (1999), por exemplo, examinaram a cobertura televisiva Norte-Americana dos Jogos Paraolímpicos de 1996, enquanto Schantz and Gilbert (2001) analisaram a cobertura da imprensa escrita Francesa e Alemã. Mais recentemente, Thomas and Smith (2003) exploraram a cobertura da imprensa escrita Britânica das Paraolimpíadas de 2000 em Sydney, focando particularmente na terminologia utilizada para descrever os atletas com deficiência, e a linguagem e imagens usadas para retratar as performances. É de se



notar, que os resultados desses estudos apontam, em graus diferentes, para questões semelhantes. Todos os estudos mencionados revelaram que a mídia (tanto audiovisual, quanto escrita) tende a descrever as performances dos atletas com deficiência de forma relativamente consistente com o modelo médico. Sendo assim, estes atletas tendem a ser retratados como “vítimas” ou pessoas “corajosas” que “superaram” o próprio “sofrimento” da deficiência para participar em um evento esportivo, um super-herói. Este estereótipo deixa a impressão de que a pessoa com deficiência para se ajustar terá de fazer algo extraordinário ou realizar um esforço heróico para compensar a sua limitação (Schell e Duncan, 1999). O modelo do super-herói viria reforçar as baixas expectativas da sociedade acerca das pessoas com deficiência (Hardin e Hardin, 2004), e enfatizar o esforço individual dessas pessoas para se adaptarem; como se ter uma deficiência fosse culpa das mesmas (Schantz e Gilbert, 2001). O que depreende-se deste discurso é que as pessoas sem deficiência, quando bem sucedidas nos seus empreendimentos, alcançariam o sucesso pelo talento ou pela inteligência; enquanto aquelas que têm alguma deficiência o teriam feito pela necessidade de compensar o ‘mal’ que os aflige.

Nesse sentido, o tratamento midiático dado ao paraolimpismo confere a este desporto uma consideração social diferente, com prejuízos ao desenvolvimento do mesmo, e também à integração das populações com deficiência. (CALVO, 2001). A mídia faz com que as pessoas tenham compaixão por esses paratletas, uma vez que, segundo a imprensa, eles são “símbolos de superação”. De acordo com Moura (1993, p.46) tanto o olhar de piedade quanto o de admiração parte de um único princípio, o preconceito.

[...] tanto aquele que foi marginalizado pela visão pública de deficiência como aqueles que conseguiram [...] [se] mostrar em condições de competitividade são de certa forma vistos publicamente como elementos não humanos: um pela sua história e seu modo precário de vida, como elemento sub-humano, o outro pelo inverso da mesma moeda – da deficiência – como um super-humano.

Contudo, de acordo com Shell e Duncan (1999) os atletas, de alto nível, com deficiência preferem o respeito à simpatia, querem admiração por suas habilidades, não condolência por sua deficiência, desejam reconhecimentos por seus feitos ao invés de servir de símbolo de superação.

Material e métodos



Para consecução deste estudo, foi realizada uma análise de conteúdo dos artigos de quatro destacados sites noticiosos, a saber: os brasileiros Globo.com e Universo Online; e os portugueses Diário Digital e Expresso Online. A escolha se baseou na popularidade dos referidos meios nos respectivos países. Da mesma forma, foram selecionados um atleta paraolímpico, medalhistas, de cada país, sendo que a nossa escolha incidiu sobre o brasileiro Daniel Dias (natação), e o português João Paulo Fernandes (bocha), devido as significativas conquistas destes atletas nos Jogos de Pequim/08.

Natural de São Paulo, Daniel de Faria Dias, nasceu em 24 de Maio de 1988, com má formação congénita dos membros superiores e da perna direita. Aos 16 anos ingressou na natação, começou a representar o Brasil em campeonatos internacionais em 2006, ocasião em que disputou, na África do Sul, o Mundial de Natação Paraolímpico, batendo 2 recordes e conquistando 3 medalhas de ouro e 2 de prata. Em 2007, tornou-se o atleta com o maior número de vitórias, nos Jogos Parapanamericanos do Rio de Janeiro, com 8 medalhas nas 8 provas das quais participou. Disputou sua primeira Paraolimpíada em Pequim/08, conquistando 9 medalhas.

Nascido no dia 11 de Agosto de 1984, em Aveiro, Portugal, com paralisia cerebral, é atleta da bocha, participando na classe desportiva BC1. Começou a competir internacionalmente em 2003, obtendo nesse ano o primeiro grande título da carreira, ao terminar em primeiro lugar na Taça do Mundo. Em 2004 competiu em Atenas levando duas medalhas de ouro, um no individual e outro no colectivo. Em 2005 foi campeão europeu por equipas e em 2006 juntou ao troféu continental o vice-campeonato mundial colectivo. Em 2008, regressou ao topo da tabela internacional, ao repetir no Brasil a conquista da Taça do Mundo de Bocha, e ao levar duas medalhas em Pequim 2008, uma de ouro e uma de prata.

Os sites foram analisados nos seguintes períodos do ano de 2008: sites brasileiros de 7 a 12 de Setembro; sites portugueses: de 9 a 18 de Setembro. Os períodos selecionados visavam abranger a conquista das medalhas e repercussões imediatas.

Dessa forma, a análise qualitativa foi realizada de modo a verificar os temas recorrentes na cobertura dos medalhistas; e também a forma como cada atleta é enquadrado pela mídia. Na análise temática foi levado em conta o tema central da notícia, ou seja, foi categorizado cada artigo de acordo com o título, e com as informações presentes no lide. Essa escolha baseia-se no fato de que as notícias produzidas no âmbito do ciberjornalismo tendem, muitas vezes, a remeter a produções



anteriores do próprio site, através de intertítulos. Apesar de ser uma plataforma jornalística diferente e de idealmente apontar para uma estrutura de pirâmide deitada, o ciberjornalismo ainda baseia-se na pirâmide invertida. Assim, assumindo que os fatos mais importantes encontram-se no lide e que o título enuncia a sequência, foram ambos incluídos na análise. As categorias temáticas encontradas circunscreveram-se à enunciação dos resultados, à comemoração, aos bastidores da vitória, e à relação dos atletas com familiares, técnico, amigos, etc. que designaremos genericamente de relação com circundantes.

Posteriormente, procedemos à identificação das terminologias utilizadas para se referir aos atletas, construindo para tal uma grelha analítica adequada a partir das categorias que emergem do material em estudo. Dessa forma serão divididas em terminologias *Genéricas*, que incluem nome do(a) atleta, esporte no qual compete, nacionalidade; *Relacionados à vitória*, onde se inserem termos como medalhados/medalhistas e campeões; *Relacionados às características do atleta*, relacionados às características físicas ou psicológicas.

Para além disso, será realizada uma abordagem qualitativa, através da identificação e análise de todas as palavras, expressões e frases que se mostrarem relevantes para o estudo de estereótipos. Essas unidades de análise serão, a seguir, arranjadas em categorias de sentido a saber, estereótipos que *reforçam baixas expectativas*, onde esperamos encontrar o coitadinho e super-herói; e estereótipos que *reforçam altas expectativas*, como favoritismo, esperança de medalha, e ênfase da vitória.

Uma vez identificados artigos a incluir na Análise de Conteúdo, a fim de examinar se as seguintes hipóteses seriam comprovadas.

- 1) Os sites brasileiros irão apresentar um maior número de notícias referentes ao atleta paraolímpico comparados aos sites portugueses.
- 2) Os temas recorrentes nos artigos relacionados aos atletas irão banalizar a vitória.
- 3) Os atletas paraolímpicos serão enquadrados de forma a consolidar os estereótipos de coitadinhos e super-heróis (super-crip).

A hipótese 1 se justifica pelo fato da existência, já há 14 anos, no Brasil de um sólido Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), que promove workshops de mídia, facilita o contato de atletas e treinadores com jornalistas, promovendo o esporte paraolímpico. Enquanto Portugal dá os primeiros passos nesta direção.



Resultados

É importante ressaltar, que Daniel Dias terminou o evento com nove medalhas, e João Paulo Fernandes com duas. Tais conquistas dos paratletas em Pequim 2008 mereceram um total de 31 notícias nos quatro sites examinados (Ver Quadro 1).

	Brasil		Portugal	
	Globo.com	UOL	Diário Digital	Expresso Online
Atletas Paraolímpicos	11	9	3	8

Quadro 1: Número total de matérias

Se comparado com os resultados de um estudo paralelo de comparação com a cobertura dos êxitos semelhantes por parte de atletas olímpicos (Novais e Figueiredo, 2009b), é notório e gritante o pouco tempo de antena dado aos atletas paraolímpicos em ambos os países. Duas ideias ressaltam de tal constatação: Enquanto os Jogos Olímpicos são divulgados à exaustão, os Paraolímpicos ficam relegados a uma ínfima cobertura jornalística; E não importa o quanto a performance do atleta paraolímpico seja de alto nível, eles nunca poderão competir nas Olimpíadas.

É também digno de nota na análise quantitativa, o fato de que os sites noticiosos brasileiros foram responsáveis por 65% das matérias relativas às Paraolimpíadas. Aliás, qualquer um dos sites brasileiros publicou mais matérias que os portugueses (e o Diário Digital em particular). Este fato pode ser explicado devido ao maior incentivo dado ao desporto adaptado neste país, inclusive com a existência, já há 14 anos, de um sólido Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB). Para ilustrar, lembramos que em Atenas/04, com a finalidade de que o movimento paraolímpico tivesse ampla divulgação e maior valorização, o CPB, contratou a produtora de vídeo Íntegra Produções para captar, editar e transmitir gratuitamente imagens dos jogos de Atenas, para as emissoras brasileiras interessadas. Além disso, oito emissoras⁴ foram convidadas pelo Comitê para cobrirem a competição; outros dez veículos⁵ também foram convidados. Já em Portugal a mesma instituição foi recentemente fundada em Setembro de 2008 e os recursos disponibilizados para a cobertura dos Paraolímpicos são incomparavelmente inferiores, algo que parece corroborar o argumento da tradição e maior desenvolvimento no Brasil.

⁴ Rede TV, Record, TVE, TV Nacional, Sport TV, Rede Gazeta, NSB e Rede Bandeirantes

⁵ Rádio Eldorado, Rádio CBN, Folha de São Paulo, Jornal da Tarde, Lance!, Estado de Minas, Diário de Pernambuco, Tribuna do Norte, Jornal de Brasília, O Dia, O Globo e o portal UOL



Contudo apesar de quantitativamente os sites brasileiros darem maior visibilidade aos paraolímpicos, (comparativamente aos portugueses) os lusos apresentam maior diversidade de temas. Cem por cento da temática brasileira referente a Daniel Dias (atleta paraolímpico) cingiu-se aos resultados. Já os sites portugueses apresentaram 64% dos temas como sendo resultados, 18% da relação do atleta com técnico, família e amigos, e outros 18% sobre a comemoração da vitória.

Segundo Thomas e Smith (2003) a cobertura midiática de desporto adaptado muitas vezes foca principalmente na performance e sucesso dos atletas com deficiência, enfatizando o significado de recordes, medalhas e tempos, com muito pouco, ou nenhum, comentário sobre a experiência dos atletas, repercussão da medalha e bastidores. Certamente, tal afirmativa parece sugerir que, de fato, a cobertura midiática dos atletas com deficiência, tende a trivializar suas performances e conquistas, e perpetuar ainda mais o modelo médico, que concebe a deficiência como um produto meramente biológico, e, portanto os problemas que as pessoas com deficiência enfrentam são resultado de suas limitações físicas e/ou mentais, nada tendo a ver com elementos socioculturais, ou com o ambiente físico e político. (Brittain, 2004).

De acordo com Schantz e Gilbert (2001) a cobertura dos Jogos Paraolímpicos deve focar os mesmos tópicos de qualquer cobertura esportiva, como recordes, performances e bastidores. Além disso estes autores enfatizam que os jornalistas ainda focam a cobertura das Paraolimpíadas, fundamentalmente, na deficiência ao invés de focar o atleta em si. Neste sentido os portugueses mostraram-se um passo a frente dos brasileiros, uma vez que, mesmo de forma tímida mas significativa em face da proporção da cobertura, apresentaram uma certa diversificação temática, focando o atleta em si ao revelar as relações de João Paulo Fernandes; e da mesma forma apresentando os bastidores da vitória com as comemorações.

No que concerne a abordagem e a terminologia utilizadas pelos mídia, os resultados evidenciaram que em ambos os países, os termos *Genéricos* são massivamente utilizados em detrimento dos outros dois gêneros (97% no Brasil, e 94% em Portugal). Contudo, os termos *Relacionados à vitória* foram muito pouco utilizados nos artigos referentes aos atletas paraolímpicos em ambos os países; 3% no Brasil e 4% em Portugal. Cabe ainda ressaltar um dado interessante relativamente aos termos *Relacionados às características do atleta*, uma vez que apenas uma unidade de análise foi coletada neste gênero. O site luso Diário Digital publicou o termo “atleta com



deficiência” ao se referir a João Paulo Fernandes, e em nenhum outro momento termos correlatos surgiram.

Dessa forma observamos que a maior presença de termos genéricos e a quase ausência de termos relacionados à deficiência, pode ser revelador da exigência jornalística da neutralidade ou, em alternativa, pode indiciar a existência de uma conscientização por parte de jornais e jornalistas de que a terminologia utilizada, relativamente às pessoas com deficiência, pode reflectir e influenciar as atitudes em torno das mesmas, criando e/ou perpetuando estereótipos (Novais e Figueiredo, 2009a; Auslander e Gold, 1999). Mesmo assim, a fraca utilização de termos relativos à vitória mostra a baixa expectativa da sociedade, e dos jornalistas, em relação aos atletas com deficiência.

Conforme anteriormente elucidado, neste estudo dividimos os estereótipos em dois tipos: os que *Reforçam baixas expectativas*, e os que *Reforçam altas expectativas*. Nas matérias referentes aos atletas parolímpicos 64% reforçavam baixas expectativas, e apenas 36% reforçavam altas expectativas, comprovando estudos anteriores (Thomas e Smith, 2003; Schell e Duncan, 1999; Schell e Rodriguez, 2001; Kama, 2004). Neste domínio, porém, as diferenças culturais entre Brasil e Portugal se tornam por demais evidentes.

O país luso apresenta a maior parte as matérias que reforçam as baixas expectativas (67%), assim como também possui a menor quantidade de referências que reforçam as altas expectativas (20%). Os estereótipos relacionados ao atleta João Paulo Fernandes prendem-se fundamentalmente ao arquétipo de coitadinho e fardo, “(...) é muito difícil ter o atleta paralímpico a treinar”(Diário Digital, 10/09/2008) “(...) agora têm sido difíceis os treinos, temos passado por fases difíceis, o João tem andado bastante nervoso” (Diário Digital, 10/09/2008); “Tem carro dele, mas (...) depende de terceiro para conduzir” (Expresso, 09/09/2008), “(...) fico eu (a mãe do atleta) com o João, sozinha, a lutar” (Expresso, 09/09/2008). A nossa evidência empírica corrobora diversos estudos anteriores que concluíram que a cobertura midiática, principalmente de eventos esportivos adaptados, reforça o estereótipo do coitadinho ao retratar as pessoas com deficiência como incapazes de fazer algo por elas mesmas, e dependentes de auxílio. Segundo Kama (2004) o paradigma do coitadinho complementa o processo de objetificação da pessoa com deficiência, em que estes indivíduos se tornam a personificação de suas deficiências. E como são “imperfeitos” não são capazes de sobreviver independentes dos outros. Sendo assim, a existência das pessoas com



deficiência fica dependente de sentimentos de penas que causam àqueles que os circulam

Os sites brasileiros não apresentaram o estereótipo de coitadinho de forma tão explícita, mas as baixas expectativas presentes nos textos - “Não estipulou objetivos (...)”, “Não acreditou no seu feito (...)” (UOL, 07/09/2008); “Não foi fácil conquistar a medalha (...)” (Globo.com, 07/09/2008)- evidenciam a banalização da conquista e denotam que os paratletas são vistos como inadequados, incapazes de preencher as normas e expectativas culturais (Brittain, 2004). A maior parte da cobertura brasileira contudo, apresentou um reforço das altas expectativas, ao retratar o atleta paraolímpico como favorito ao ouro: “Garoto de ouro do Brasil”(Globo.com, 10/09/2008), “(...) estrela da natação brasileira” (Globo.com, 11/09/2008); “Favorito disparado ao ouro (...)” (UOL, 07/09/2008). Ademais, a forma como Daniel Dias é descrito na mídia brasileira contraria a ideia de Hilgemberg e Guerra (2006) de que nos Jogos Paraolímpicos não há favoritos ao pódio, nem mesmo depósito de confiança e esperança nas atividades esportivas desses atletas.

Conclusão

Com este estudo tentamos elucidar as diferenças básicas da cobertura midiática da conquista de atletas nacionais nos Jogos Paraolímpicos no Brasil e em Portugal, tentando comprovar se a maior tradição e desenvolvimento do desporto com deficiência no Brasil teria impacto no tratamento noticioso.

Os dados recolhidos foram suficientes para confirmar a primeira hipótese, *Os sites brasileiros irão apresentar um maior número de notícias referentes ao atleta paraolímpico comparados aos sites portugueses*. Diversos estudos prévios (Schantz e Gilbert, 2001), indicam que há influência da cultura em relação às atitudes acerca das pessoas com deficiência, no entanto não há um consenso sobre o porquê de tais diferenças. Como já mencionado, no Brasil o Comitê Paraolímpico já está organizado e sólido há vários anos, e investindo em estratégias de comunicação que beneficiam o aumento, quantitativo e qualitativo, da cobertura das Paraolimpíadas pela mídia brasileira; enquanto que em Portugal os primeiros passos ainda estão sendo dados nessa direção. Por conseguinte, o adágio popular de que a ‘Antiguidade ainda é um posto’ parece traduzir-se no tratamento jornalístico dos paratletas no sentido em que um assunto que já consta na agenda mediática tem maiores probabilidades de merecer cobertura noticiosa, ainda que a quantidade não seja sinónimo de qualidade.



A duas hipóteses restantes, *Os temas recorrentes nos artigos relacionados aos atletas irão banalizar a vitória; Os atletas paraolímpicos serão enquadrados de forma a consolidar os estereótipos de coitadinhos e super-heróis (super-crip)*, estão relacionadas, porém somente a segunda hipótese foi totalmente verificada, sendo a terceira parcialmente correta.

Notamos que os temas apresentados enquadravam a vitória dos paraolímpicos de forma a banalizar o feito dos atletas, ao focar fundamentalmente nos resultados, confirmando a ideia de Thomas e Smith (2003), segundo a qual a cobertura midiática de esporte adaptado muitas vezes restringe-se principalmente na performance e sucesso dos atletas com deficiência, enfatizando o significado de recordes, medalhas e tempos, com muito pouco, ou nenhum, comentário sobre a experiência dos atletas, repercussão da medalha e bastidores.

Contudo apenas o estereótipo de coitadinho/fardo foi apresentado, fazendo com que a terceira hipótese tenha sido parcialmente confirmada. Tal dado é interessante, uma vez que mostra já alguma diferença entre os novos media (internet) e os media tradicional (impresso) onde o estereótipo de super-herói ainda é fortemente presente.

Em suma, nossos resultados mostraram que em certos aspectos a cobertura midiática das Paraolimpíadas é diferente nos países analisados. Da mesma forma a midiática de ambos os eventos estudados também é diferenciada, com a estereotipização dos atletas Paraolímpicos de forma negativa. Reforçando a posição paradigmática de que as Paraolimpíadas não são ainda um evento real e de alto rendimento.

Bibliografia

AMARAL, Lígia Assumpção. **Pensar a diferença/deficiência**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

AUSLANDER, Gail K.; GOLD, Nora (1999) Media reports on disability: a binational comparison of types and causes of disability as reported in major newspaper. **Disability and Rehabilitation**. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/096382899297404>. Acesso em 24 Mar. 2008.

BORELLI, Viviane; NETO, Antônio Fausto. **Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve reflexão**. Disponível em: <http://resposcom.portcom.intercom.org.br> Acesso em 25 Fev. 2006.

BOURDIEU, Pierre. Os Jogos Olímpicos. In: *Sobre a televisão : a influência do jornalismo*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1997. p. 123-128.



BRASIL PARAOLÍMPICO. Jogos Paraolímpico-Atenas 2004. Brasília, n. 06, outubro de 2003. Ano VII.

BRITAIN, Ian (2004). Perceptions of disability and their impact upon involvement in sport for people with disabilities at all levels. *Journal of Sports & Social Issues*, 28, 429-452.

CALVO, Ana Paula Soares. **Desporto para Deficientes e Media**. 2001. Dissertação (Mestrado em Atividade Física Adaptada)-Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Portugal. 2001. 2004.

CAMARGO, Vera Regina. Jogos Olímpicos e os meios de comunicação: identidades culturais, tecnológicas e científicas. In: TURINI, Marcio; COSTA, Lamartine Pereira da (Editores). **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. v. 1. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002, p. 559-567.

CRESPO, Ana Maria Morales. **Informação e deformação**: A pessoa com deficiência na mídia impressa. 2000. 113f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)- Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FERREIRA, Nilda Tevês; COSTA, Vera L. M. O imaginários dos atletas olímpicos brasileiros: a dança de Apolo e Dionísio. In: TURINI, Marcio; COSTA, Lamartine Pereira da (Editores). **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. v. 2. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002, p.281-289

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad.: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rev. téc.: Gilberto Velho. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

HARDIN, Marie; HARDIN, Brent. The Supercrip in sport media: Wheelchairs athletes discuss hegemony's disabled hero. **Sosol**, 7. 2004. Disponível em: <http://physed.otago.ac.nz/sosol/v7il/v7il.html>. Acesso em 15 Mar. 2008.

HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, R; SOARES, A.J.; LOVISOLO, H. **Mídia, raça e idolatria**: a invenção do país do futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 149-164

HELAL, Ronaldo. As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: um estudo de caso. In: HELAL, R; SOARES, A.J.; LOVISOLO, H. **Mídia, raça e idolatria**: a invenção do país do futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 135-148

HILGEMBERG, Tatiane; GUERRA, Márcio. Pessoas com deficiência: uma realidade fora de pauta. **Observatório da Imprensa**. 2006. Disponível em: www.observatoriodaimprensa.com.br. Acesso em: 10 Jan. de 2006.

KAMA, A. Supercrip versus the pitiful handicapped: reception of disabling images by disabled audience members. **Communications**, 29, p. 447-466. 2004.

KELL, P., KELL, M.; PRICE, N. Two games and one movement? The Paralympics and the Olympic movement. In Kell, P, Vialle, W, Konza, D and Vogl, G (eds), *Learning and the learner: exploring learning for new times*, University of Wollongong, 2008, 236p. Disponível em <http://ro.uow.edu.au/edupapers/37> . Acesso em 16 Abr. 2009

MARQUES, Carlos Alberto. **A imagem da alteridade na mídia**. 2001. 248p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura)-Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2001a.



_____. Mídia e deficiência: a violência estampada nas páginas dos jornais. **Lumina**: revista da Faculdade de Comunicação da UFJF, Juiz de Fora: Ed. UFJF, v.4, n.2, p. 215-231, jul./dez. 2001b.

MOURA, Luis Celso Marcondes de. **A deficiência nossa de cada dia**: de coitadinho a super-herói. São Paulo: Iglu, 1993.

NOVAIS, Rui; HILGEMBERG, Tatiane. **Os picos de Pistorius**: sucessos e reveses retratados nos media. In: VI SOPCOM, 2009a. Lisboa. CD-ROM.

NOVAIS, Rui; HILGEMBERG, Tatiane. 'Filhos de um deus menor? Os paraolímpicos face aos olímpicos na mídia online do Brasil e de Portugal', 2009a (artigo em processo de arbitragem científica)

PILOTTO, Fátima Maria. **A fabricação de ídolos esportivos**. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1613t.PDF> Acesso em 02 Maio 2009

PONTES, Beatriz; naujorks, Maria Inês; SHERER, Amanda. **Mídia Impressa, Discurso e Representação Social**: A Constituição do sujeito deficiente. Campo Grande/MS. 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/2001/np11/NP11PONTES.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2007.

SCHANTZ, O.; GILBERT, K. Na Ideal Misconstruced: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. **Sociology of Sport Journal**, 18, p. 69-94. 2001.

SHELL, L.; DUNCAN, M. A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 16, p. 27-47. 1999.

SHELL, L.; RODRIGUEZ, S. Subverting bodies/ambivalent representations: media analysis of paralympian, Hope Lewellen. **Sociology of Sport Journal**, 18, p. 127-135. 2001.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the 2002 Manchester Commonwealth Games: an exploratory analysis of British newspaper coverage. **Sport Education and Society**, 10, p. 49-67. 2003.